

GOVERNO

'PT quer tomar de assalto a máquina pública'

José Paulo Lacerda/AE

Para senador Jefferson Péres, favorecimento de aliados reforça tese do aparelhamento petista

SILVIO BRESSAN

O favorecimento de aliados na distribuição de verbas do Orçamento é mais um grave sintoma do aparelhamento do governo Lula pelo PT. Essa é a avaliação do senador Jefferson Péres (AM), líder do PDT no Senado, que desde o ano passado vem falando do risco de "mexicanização" da política brasileira. Trata-se de uma referência ao Partido Revolucionário Institucional (PRI), que governou o México por 70 anos.

Na prática, adverte Péres, poderemos ter "um partido tomando de assalto a máquina administrativa nos vários escalões, com a cumplicidade da sociedade organizada". Esse processo, anota ele, foi interrompido com o escândalo Waldomiro Diniz, em fevereiro, mas agora está sendo retomado. Seu desmonte, lamenta o senador, depende mais dos insucessos da economia do que da reação da sociedade. "Poucos setores têm consciência nítida desse processo perverso e perigosíssimo."

Estado – O governo Lula tem privilegiado seus aliados na distribuição de verbas?

Jefferson Péres – Sem dúvida, embora deva se dizer que isso vem acontecendo em outros governos. É uma prática condenável. É claro que o desejável seria um governo agindo eminentemente por valores éticos e que não praticasse essas coisas, mas por enquanto isso continua sendo uma utopia.

Estado – Como se acaba com essa prática?

Péres – A única maneira de acabar com isso seria tornar o



Péres faz duras críticas ao governo Lula: "Diria que estamos sob o risco da mexicanização do País, de réplica piorada do PRI"

Orçamento algo imperativo. Ao invés de ser uma lei autorizativa, que permite ao Executivo contingenciar verbas a seu talante, o que lhe dá um enorme poder de barganha para fazer fisiologismo no Congresso, o Orçamento seria uma lei imperativa. O Executivo teria de cumpri-la integralmente. E se houvesse queda de receita que impedisse o cumprimento do Orçamento, o governo cortaria a despesa no mesmo percentual.

Estado – Há um sentimento

de frustração da população com o governo?

Péres – Com certeza. É um governo do qual a sociedade brasileira esperava mudanças, pelo menos nas práticas políticas e administrativas. E o que temos é um clone, uma repetição de tudo o que atrasado existia e continua existindo.

Estado – Existe o risco de aparelhamento da máquina pública?

Péres – Sim, diria que estamos sob o risco da mexicanização do País, de réplica piorada

do PRI (Partido Revolucionário Institucional, que governou o México entre 1929 e 1999). Nos outros governos, os partidos tradicionais, mais conservadores ou liberais, não tinham essa organicidade do PT, esse engajamento da militância e todo esse apetite para se apoderar da máquina e aparelhar o Estado.

Estado – Então, com o PT no poder esse risco de aparelhamento é maior?

Péres – É maior por dois motivos: em primeiro lugar, o PT é o partido mais orgânico do que os outros e tem uma militância mais engajada. A segunda razão é que o PT conta com a cumplicidade ou a leniência de vários segmentos da sociedade organizada, que eram hostis aos outros governos: sindicatos, organizações estudantis e a

maioria das organizações não-governamentais. O MST faz todo esse teatro, mas é claro que confabula com o governo. Fazem a encenação no palco, mas nos bastidores se entendem muito bem.

Estado – E qual seria a consequência disso?

Péres – Um partido tomando de assalto a máquina administrativa nos vários escalões, com a cumplicidade da sociedade organizada. As ONGs, por exemplo, estão se multiplicando. Com tudo isso acontecendo no governo Lula, o que pode acontecer? Uma terceirização aparente do Estado em favor do PT com o rótulo, o disfarce ou a capa de ONG.

Estado – Já temos um Estado a serviço do partido?

Péres – Ainda não. Isso está em gestação e vem sendo denunciado por mim e por toda a oposição. Já venho falando em mexicanização em marcha há seis meses. Logo em seguida veio o episódio Waldomiro e o governo se fragilizou. Aí esse processo foi interrompido, mas, como esses números do Orçamento demonstram, deve ser retomado agora.

Estado – Nesse contexto, o desconto que o PT faz nos salários dos servidores filiados ao partido também ajuda no aparelhamento?

Péres – É mais um instrumento para municiar o partido. Além de aparelhar o Estado, colocar a máquina toda na mão dos militantes, também dá recursos ao partido. Isso ficou claro há dois meses, quando eles fizeram aprovar no Senado, com toda a nossa oposição, a criação de três mil cargos. Desses postos, mais de mil eram preenchidos por pessoas fora do serviço público. Leia-se aí: militantes do PT.

Estado – Como se desarma isso?

Péres – Vai depender menos da reação da sociedade, onde não vejo nem mesmo perfeita consciência disso. Poucos setores têm consciência nítida desse processo perverso e perigosíssimo. Vai depender do êxito da economia do País. Se a economia retomar o crescimento, mesmo um crescimento pífio e medíocre de 3,5%, acho que aumentam as chances de eles conseguirem isso.

Estado – O PRI durou 70 anos. Quanto duraria esse projeto do PT?

Péres – Não vou fazer cálculo de tempo, porque nem sei se isso vai vingar. Depende de muitos fatores. Certamente, é coisa de longo prazo. Não vou fazer previsão. Mas acho que há um grande projeto e um enorme apetite.

E o que temos é um clone (de governo), uma repetição de tudo que atrasado existia